



Comentando o projecto de lei
do deputado José Cabral ...
apresentado á
ASSEMBLEIA NACIONAL

A MAÇONARIA

Vista por

FERNANDO PESSOA

O poeta da "Mensagem", obra nacionalista, premiada
pelo

SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

UM PROJECTO DE LEI

Estreiou-se a Assembleia Nacional, do ponto de vista legislativo, com a apresentação, por um deputado, de projecto de lei sobre «associações secretas». De tal ordem é o projecto, tanto em sua natureza como em seu conteúdo, que não ha que felicitar o actual Parlamento por lhe ter sido dada essa estreia. Antes ha que dizer-lhe *Absit omen!*, ou seja, em portuguez. *Longe vá o agoiro!*

Apresentou o projecto o sr. José Cabral, que, se não é dominicano, dever'a sê-lo, de tal modo o seu trabalho se integra, em natureza, como em conteúdo, nas melhores tradições dos Inquisidores. O projecto, que todos terão lido nos jornais, estabelece varias e fortes sanções (com excepção da pena de morte) para todos quantos pertençam ao que o seu autor chama «associações secretas, sejam quais forem os seus fins e organização».

Dada a latitude desta definição, e considerando que por «associação» se entende um agrupamento mais ou menos permanente de homens, ligados por fim comum, e que por «secreto» se entende o que, pelo menos parcialmente, se não faz à vista do publico, ou, feito, se não torna inteiramente publico, posso, desde já, denunciar ao sr. José Cabral uma associação secreta—o Conselho de Ministros. De resto, tudo quanto de serio ou de importante se faz em reunião neste mundo, faz-se secretamente. Se não reúnem em publico os conselhos de ministros, tambem o não fazem as direcções dos partidos politicos, as tenebrosas figuras que orientam os clubs desportivos, ou os sinistros comunistas que formam os conselhos de administração das companhias comerciais e industriais.

Embora uma interpretação desta ordem legitimamente se extraia do frasear pouco nacionalista do sr. José Cabral, creio, tanto porque assim deve ser, como pelos encomios com que o projecto foi afagado pela imprensa pseudo-cristã, que as «associações secretas», que ele verdadeiramente visa, são aquelas que envolvem o que se chama «iniciação», e portanto o segredo especial a esta inherente.

Ora no nosso paiz, caída ha muito em dormencia a Ordem Templaria de Portugal, desaparecida a Carbonaria—formada para fins transitorios, que se realizaram,—não existem, supponho, à parte uma ou outra possivel Loja martinista ou semelhante, mais do que duas «associações secretas» dessa especie. Uma é a Maçonaria, a outra essa curiosa organização que, em um dos seus ramos, usa o nome profano de Companhia de Jesus, exactamente como, na Maçonaria, a Ordem de Heredom e Kilwinning usa o nome profano de Real Ordem da Escocia

Dos chamados jesuitas não tratarei, e por trez motivos dos quais calarei o primeiro. Os outros dois são: que não creio, por mais razões do que uma, que eles corram risco de, aprovado que fosse o projecto, lhes serem applicadas as suas sanções; e que não creio por uma razão só, que o sr. José Cabral tenha pretendido que tal applicação se fizesse. Presumo pois que o projecto de lei do urgente deputado se dirija, total ou principalmente, contra a Ordem Maçonica. Como tal o examinarei.

Não faço, creio, ofensa ao sr. José Cabral em supor que, como a maioria dos anti-maçons, o autor deste projecto é totalmente desconhecedor do assunto Maçonaria. O que sabe dele é até, porventura, peor que nada, pois, naturalmente, terá nutrido o seu anti-maçonismo da leitura da imprensa chamada catolica, onde, até nas coisas mais elementares na materia, erros se acumulam sobre erros, e aos erros se junta, com a má-vontade, a mentira e a calunia, senhas suas filhas. Não creio que o sr. José Cabral conviva habitualmente com os livros de Findel, Kloss ou Gould, ou que passe as suas horas de ocio na leitura atenta da *Ars Quatuor Coronatorum* ou das publicações da Grande Loja de Iowa. Duvido, até, que o sr. José Cabral tenha grande conhecimento da literatura anti-maçonica — Barruel ou Robison, ou Eckert —, tam admiravel, aliás, do ponto de vista humoristico. Nem terá tido porventura noção, sequer de ouvido, do artigo celebre do Padre Hermann Grüber na *Catholic Encyclopaedia*, artigo citado com elogio em livros maçonicos, e em que o doutor jesuita por pouco não defende a Maçonaria.

Ora se o sr. José Cabral está nese estado de trevas com respeito à natureza, fins e organização da Ordem Maçonica, suponho que em igual condição estejam muitos dos outros membros da Assembleia Nacional, com a differença de que se não propuzeram legislar sobre materia que ignoram. Sendo assim, nem o deputado apresentante, nem os seus colegas de assembleia, estarão talvez em estado de medir claramente as consequencias nacionais, internas e sobretudo externas, que adviriam da aprovação do projecto. Como conheço o assunto sufficientemente para saber de antemão, e com certeza, quais seriam essas consequencias, vou fazer patrioticamente presente da minha ciencia ao sr. José Cabral e à Assembleia Legislativa de que é ornamento.

Começo por uma referencia pessoal, que cuido, por necessaria, não dever evitar. Não sou maçom, nem pertenço a qualquer outra Ordem semelhante ou diferente. Não sou porem anti-maçom, pois o que sei do assunto me leva a ter uma ideia absolutamente favoravel

da Ordem Maçonica. A estas duas circumstancias, que em certo modo me habilitam a poder ser imparcial na materia, acresce a de que, por virtude de certos estudos meus, cuja natureza confina com a parte occulta da Maçonaria—parte que nada tem de politico ou social—, fui necessariamente levado a estudar tambem esse assunto—assunto muito bello, mas muito difficil, sobretudo para quem o estuda de fóra. Tendo eu, porem, certa preparação, cuja natureza me não proponho indicar, pude ir, embora lentamente, comprehendendo o que lia e sabendo meditar o que comprehendia. Posso hoje dizer, sem que use de excesso de vaidade, que pouca gente haverá, fóra da Maçonaria, aqui ou em qualquer outra parte, que tanto tenha conseguido entranhar-se na alma daquela vida, e portanto, e derivadamente, nos seus aspectos por assim dizer exteros.

Se falo de mim, e deste modo, é para que o sr. José Cabral e os colegas legisladores saibam perfeitamente quem lhes está fatando, e que o que vão ler, se quizerem, é escrito por quem sabe o que está escrevendo. Não que o que vou dizer exija profundos conhecimentos maçonicos: é materia puramente de superficie, da vida externa da Ordem. Exige porém conhecimentos, e não ignorancias, fantasias ou mentiras.

Começo a valer. Creio não errar ao presumir que o sr. José Cabral supõe que a Maçonaria é uma associação secreta. Não é. A Maçonaria é uma *Ordem* secreta, ou, com plena propriedade, uma *Ordem iniciatica*. O sr. José Cabral não sabe, proavelmente, em que consiste a differença. Pois o mal é esse—não sabe. Nesse ponto, se não sabe, terá de continuar a não saber. De mim, pelo menos, não receberá a luz. Forneço-lhe, em todo o caso, uma especie de meia-luz, qualquer coisa como a «treva visivel» de certo grande ritual. Vou insinuar lhe o que é essa differença por o que em linguagem maçonica se chama «termos de substituição».

A Ordem Maçonica é secreta por uma razão indirecta e derivada—a mesma razão por que eram secretos os Misterios antigos, incluindo os dos primitivos cristãos, que se reuniam em segredo, para louvar a Deus, em o que hoje se chamariam Loas ou Capitulos, e que, para se distinguir dos profanos, tinham formulas de reconhecimento—toques, ou palavras de passe, ou o que quer que fosse. Por esse motivo os romanos lhes chamavam ateus, inimigos da sociedade e inimigos do Imperio—precisamente os mesmos termos com que hoje os maçons são brindados pelos sequazes da Igreja Romana, filha, talvez illegitima, daquela maçonaria romana.

Feito assim o meu pequeno presente de meia-luz, entro directamente no que verdadeiramente interessa—as consequencias que adviriam, para o paiz, da aprovação do projecto de lei do sr. José Cabral. Tratarei primeiro das consequencias internas.

A primeira consequencia seria esta—coisa nenhuma. Se o sr. José Cabral cuida que ele, ou a Assembleia Nacional, ou o Governo, ou quem quer que seja, póde extinguir o Grande Oriente Luzitano, fique desde já desenganado. As Ordens Inicialicas estão defendidas, *ab origine symboli*, por condições e forças muito especiais que as tornam indestrutíveis *de fóra*. Não me proponho explicar o que sejam essas forças e condições: basta que indique a sua existencia.

De resto, teem os srs. deputados a prova prática em o que tem succedido noutros paizes, onde se tem pretendido suprimir as Obediencias maçónicas. Pondo de parte a Russia—onde nem eu nem os srs. deputados sabemos o que verdadeiramente se passa, e onde, aliás, quasi não havia Maçonaria—, poderemos considerar os casos da Italia, da Espanha e da Alemanha.

Mussolini procedeu contra a Maçonaria, isto é, contra o Grande Oriente da Italia mais ou menos nos termos pagãos do projecto do sr. José Cabral. Não sei se perseguiu muito gente, nem me importa saber. O que sei, de ciencia certa, é que o Grande Oriente de Italia é um daqueles mortos que continuam de perfeita saude. Mantém-se, concentra-se, tem se depurado, e lá está à espera; se tem em que esperar é outro assunto. O camartelo do Duce pode destruir o edificio do comunismo italiano; não tem força para abater colunas simbolicas, vasadas num metal que procede da Alquimia.

Primo de Rivera procedeu mais brandamente, conforme a sua indole fidalga, contra a Maçonaria Espanhola. Tambem sei ao certo qual foi o resultado—o grande desenvolvimento, numerico como politico, da Maçonaria em Epanha. Não sei se alguns fenomenos secundarios, como, por exemplo, a queda da Monarquia, teriam qualquer relação com esse facto.

Hitler, depois de se ter apoiado nas trez Grandes Lojas cristãs da Prussia, procedeu segundo o seu admiravel costume ariano de morder a mão que lhe dera de comer. Deixou em paz as outras Grandes Lojas— as que o não tinham apoiado nem eram cristãs—e, por intermedio de um tal Goering, intimou aquelas trez a dissolverem-se. Elas disseram que sim— aos Goerings diz-se sempre que sim—e continuaram a existir. Por coincidencia, foi depois de se tomar essa me-

dida que começaram a surgir cisões e outras dificuldades a dentro do partido nazi. A historia, como o sr. José Cabral deve saber, tem muitas destas coincidencias.

Como tenho estado a apresentar razões e factos até certo ponto desanimadores para o sr. José Cabral, vou desde já animá-lo com a indicação de um resultado certo, positivo, que adviria da aprovação do seu projecto. Resultaria dele—alegre-se o dominicano!—um grande numero de perseguições a officiais do exercito e da armada (excepto em Cascais) e a funcionarios publicos. Perderiam os seus lugares os que não quizessem ter a indignidade de repudiar a sua Ordem. Resultaria, portanto, a miseria para as suas familias, onde é possível—e isto é que é grave—que se encontrassem pessoas devotas de Santa Teresinha do Menino Jesus, personagem que ocupa, na actual mitologia portugueza, um lugar um pouco acima de Deus. Resolver-se-hia, é certo, no estilo inesperado do *roulement* que não rola, o problema do desemprego—para aqueles actuzis desempregados, bem entendido, que tem por Grão Mestre Adjunto o sr. Conselheiro João de Azevedo Coutinho.

Seriam essas as consequencias internas da aprovação do projecto: dois zeros—um para o efeito anti-maçonico da lei, outro para a barriga de muita gente. Seriam essas as consequencias internas. Vou tratar agora das consequencias externas, isto é, das consequencias que adviriam da aprovação do projecto para a vida e o credito de Portugal no estrangeiro. Esse aspecto da questão, esse resultado, não só possível mas quasi certo, creio bem que não ocorreu ao sr. José Cabral. Presto homenagem—e a seric—ao seu patriotismo, embora lamentemente que seja um patriotismo tam analfabeto.

Existem hoje em actividade, em todo o mundo, cerca de seis milhões de maçons, dos quais cerca de quatro milhões nos Estados Unidos e cerca de um milhão sob as diversas Obediencias independentes do Imperio Britanico. Assim, cinco-sextos dos maçons hoje em actividade são maçons de fala ingleza. O milhão restante, ou conta parecida, acha-se repartido pelas varias Grandes Obediencias dos outros paizes do mundo, das quais a mais importante e influente é talvez o Grande Oriente de França.

As Obediencias maçonicas são potencias autonomas e independentes, pois não ha governo central da Maçonaria, que é por isso menos «internacional» que a Igreja Romana. Ha Obediencias maçonicas que poucas relações tem entre si; ha até Obediencias que estão de relações suspensas ou cortadas. Dou dois exemplos. A Grande Loja

de Inglaterra cortou em 1877, por um motivo técnico, as relações, que ainda não reatou, com o Grande Oriente de França. A mesma Grande Loja cortou, em 1933, as relações com a Grande Loja das Filipinas, em virtude de divergências—cuja natureza não sei mas presumo—quanto à maneira de desenvolver a Maçonaria na China.

Assim a Maçonaria necessariamente toma aspectos diferentes—políticos, sociais e até rituais—de país para país, e até, a dentro do mesmo país, de Obediência para Obediência, se houver mais que uma. Dou um exemplo. Ha em França trez Obediências independentes—o Grande Oriente de França, a Grande Loja de França (prolongada capitularmente pelo Supremo Conselho do Grau 33) e a loja Regular, Nacional e independente para França e suas Colonias. O Grande Oriente é acentuadamente radical e anti-religioso; a Grande Loja limita-se a ser liberal e anti-clerical; a Grande Loja Nacional não tem politica nenhuma. Dou outro exemplo. O Grande Oriente de França tem uma grande influencia politica, mas, excepto atravez dessa, pouca influencia social. A Grande Loja de Inglaterra não se preocupa com politica, mas a sua influencia social é enorme.

Conquanto, porém, a Maçonaria esteja assim materialmente dividida, pode considerar-se como unida espiritualmente. O espirito dos rituais, e sobre tudo o dos Graus Simbolicos (nos quais, e sobretudo no Grau de Mestre, está já, para quem saiba ver ou sentir, a Maçonaria inteira), é o mesmo em toda a parte, por muitas que sejam as divergências verbais e rituais entre graus identicos, trabalhados por Obediências diferentes. Em palavras mais perspicuas, mas necessariamente menos claras: quem tiver as chaves hermeticas, em qualquer fórma de um ritual encontrará, sob mais ou menos veus, as mesmas fechaduras.

Resulta desta comunidade de espirito profundo, deste intimo e secreto laço fraterno, que ninguem quebrou nem pode quebrar, uma Obediência, ainda que tenha poucas ou nenhuma relações com outra, não vê todavia com indiferença o ser esta atacada por profanos. Os maçons da Grande Loja de Inglaterra não tem, como disse, relações com os do Grande Oriente de França. Quando, porém, recentemente surgiu em França, a proposito dos casos Stvisk e Prince, uma campanha anti-maçónica, de origem aliás ultra-suspeita, a vaga simpatia, que potencialmente se estava formando em Inglaterra pelos conservadores que atacavam o Governo Francez, desapareceu imediatamente. O *Times*, conservador mas acentuadamente maçónico, relatou as manifestações contra o Governo Francez com uma antipatia que roçou pela deturpação de factos. E ha muitos casos semelhantes,

como o de certo escritor maçónico Inglês, que em seus livros constantemente ataca o Grande Oriente de França, mudar completamente de atitude ao responder a uma escritora inglesa anti-maçónica, que afinal dissera pouco mais ou menos o mesmo que ele havia sempre dito.

Nisto tudo, que serviu de exemplos, trata-se de coisas de pouca monta, simples campanhas de jornal, e por certo de atitudes espontaneas e individuais da parte dos maçons que as tomaram. Quando porém se trate de factos maçonicamente graves, como seja a tentativa, por um governo, de suprimir ou perseguir uma Obediencia maçónica, já a acção dos maçons não é tam individual e isolada, nem se resume a uma maior ou menor antipatia jornalística. Provam-no diversas complicações, de origem aparentemente desconhecida, que encontrou em países estrangeiros o governo de Primo de Rivera, e que encontraram, e ainda encontram, os governos da Italia e da Alemanha. Esses, porém, são países grandes e fortes, com recursos, de varia ordem, que em certo modo podem contrabalançar aquelas oposições. Vem mais a proposito citar o caso de um país que não é grande nem influente na politica europeia em geral. Refiro-me à Hungria e ao que se passou com o celebre emprestimo americano.

Aqui ha anos, pouco depois da Guerra, o Governo Hungaro decretou a supressão da Maçonaria no seu territorio. Pouco depois negociava um emprestimo nos Estados Unidos. Estava o emprestimo praticamente feito quando veio da America a indicação final de que ele não seria concedido se não se restabelecessem «certas instituições legitimas». O Governo Hungaro percebeu e viu-se obrigado a entrar em transacções com o Grão Mestre; disse-lhe que autorizava a reabertura das Lojas, com a condição (que parece do sr. José Cabral) de que nelas pudessem assistir profanos. É excusado dizer que o Grão Mestre recusou. O Governo manteve portanto a «supressão» das Lojas... e o emprestimo não se fez. Ora isto sucedeu com a Maçonaria Americana, que não faz propriamente politica nem mantém relações muito intensas com as Obediencias europeias, à excepção das britannicas. Tratava-se, porém, de uma grave injuria à Maçonaria, e o resultado foi o que se vê.

Não venha o sr. José Cabral dizer-me que não precisamos de emprestimos do estrangeiro. Nem só de emprestimos vive o país. Precisa, por exemplo, de colodias, sobretudo das que ainda tem. E precisa de muitas outras coisas, incluindo o não incorrer na hostilidade activa dos cinco e tal milhões de maçons que, por politicos, ainda não têm sido hostilizado

Creio que disse o suficiente para que o sr. José Cabral e os outros srs. deputados compreendam perfeitamente qual pôde e deve ser o alcance da aprovação deste projecto na vida e no credito de Portugal. Antes de acabar, porém, quero dar-lhes uma pequena amostra da especie de gente em cuja antipatia activa incorreríamos

Tomarei para exemplo a Grande Loja Unida de Inglaterra, não só pela importancia que para nós tem as nossas relações com aquele paiz, mas tambem porque qualquer acção dessa Grande Loja—a Loja-Mãe do Universo, com cerca de 450.000 maçons em actividade—arrasta consigo todos os maçons de fala ingleza e todas as Obediencias dos paizes protestantes. Do resto da Maçonaria não é preciso falar.

São maçons, sob a obediencia da Grande Loja de Inglaterra, trez filhos do Rei—o Principe de Gales, Grão Mestre Provincial de Surrey, o Duque de York, Grão Mestre Provincial de Middlesex, e o Duque de Kent, antigo Primeiro Grande Vigilante. É maçõ o genro do Rei, Conde de Harewood, Grão Mestre Provincial West Yorkshire São maçons, em sua maioria, os fidalgos inglezes, sobretudo os de antiga linhagem. São maçons em grande numero, os prelados e sacerdote da Igreja de Inglaterra, o clero mais profundamente culto de todo o mundo, a Igreja protestante que mais perto está, em dogma e ritual, da Igreja de Roma. Não prosigo, por que já basta... Lembro todavia que os trez grandes jornais *conservadores* ingleses—o *Times*, o *Sunday Times* e o *Daily Telegraph*—são ao mesmo tempo maçonicos...

Sr José Cabral, seja patriota por conta propria: Retire esse projecto! Deixe a Maçonaria aos maçons e aos que, embora o não sejam, viram, ainda que em outro Templo, a mesma Luz Deixe a anti-maçonaria àquela imprensa que é legitima descendente intelectual do celebre prégador que descobriu que Herodes e Pilatos eram Vigilantes de uma Loja de Jerusalem. Retire o seu projecto!

Retire, e no proximo dia 13, se quizer, vamos juntos a Fatima. E calha bem, porque é 13 de Fevereiro—o aniversario da lei do João Franco que estabelecia a pena de morte para os crimes politicos ..

Fernando Pessoa